

Segundo estimativa do próprio governo, a economia brasileira em 2016 deverá apresentar outra retração, em torno de 3,1%. No primeiro trimestre deste ano, comparado a igual período do ano anterior, a retração foi de 5,4%. O setor que tem apresentado o pior desempenho é a indústria, afetando negativamente o desempenho da economia.

Tendo em vista sua grande capacidade de gerar valor adicionado e de movimentar ampla cadeia produtiva, com efeitos de trasbordamento aos demais setores, a retomada da atividade econômica e de um novo modelo de crescimento deve passar pela recuperação da produção industrial.

Esse fato se torna mais evidente em uma região como o Grande ABC, que se formou envolta à expansão da indústria no Brasil. Mesmo após o processo de reestruturação produtiva ocorrida entre as décadas de 1990 e 2000, a indústria ainda permanece como a principal geradora de massa de salários na região e impulsionadora de significativa cadeia produtiva local.

Entre outros fatores, a crise fiscal por qual passam os municípios da região, dentro do atual sistema tributário e de repartição da arrecadação, tem sido provocada pela perda de participação na distribuição do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços). Fato este que está diretamente atrelado à produção da indústria local, frente ao desempenho apresentado pelo setor em outros municípios do Estado.

Nesse sentido, além de uma política industrial estruturada e de longo prazo por parte do governo federal, é fundamental para a região do Grande ABC a adoção de políticas locais, amarradas às ações das esferas estadual e federal.

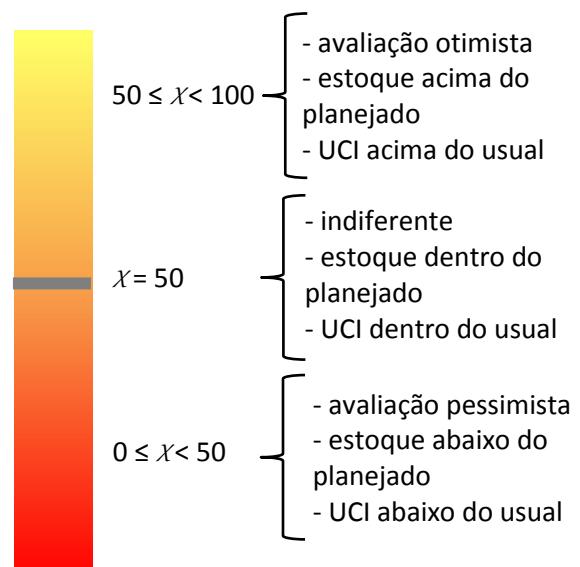
Essas ações mostram-se essenciais para que o setor industrial desenvolva todo seu potencial.

Nos últimos meses, diante das mudanças ocorridas no cenário político e seus efeitos sobre as expectativas em torno da política econômica, os dados captados pela Sondagem Industrial apontaram melhora no Índice de Confiança do Setor Industrial (ICEI), tanto em nível nacional como regional.

A Sondagem Industrial (SI) e o Índice de Confiança (ICEI) são elaborados e divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) no estado paulista. A Universidade Metodista, por meio do Observatório Econômico, desde o segundo semestre de 2015, vem realizando a análise conjuntural da indústria do Grande ABC, em parceria com a CNI e FIESP.

O indicador para cada item questionado é formado a partir da ponderação pelas respectivas frequências relativas das respostas, que apresentam escores iguais a 0, 25, 50, 75 e 100.

Ao realizarmos a análise dos resultados da pesquisa, temos que considerar a seguinte regra, considerando o escore X:



Produção Industrial em queda no primeiro semestre

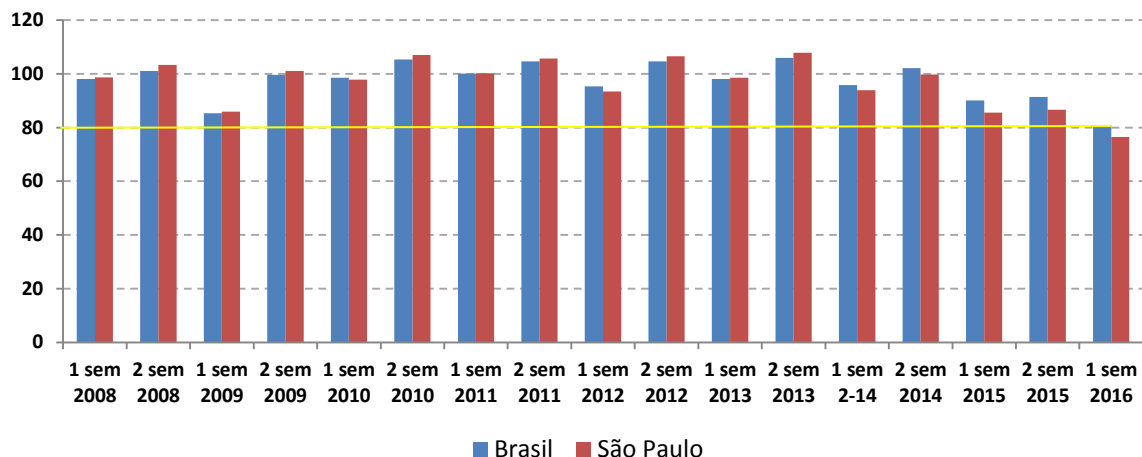
O primeiro semestre de 2016 apresentou a maior retração no volume de produção desde o ano de 2009. Comparado a igual período do ano passado, a produção física industrial brasileira e paulista experimentaram retração de aproximadamente 10% ao longo do primeiro semestre deste ano.

Comparando com as retrações apresentadas nos primeiros semestres de 2014 e 2015, observa-se uma ampliação da redução da produção no ano 2016.

Esse comportamento da produção industrial, tanto em nível nacional como estadual, reflete para além das questões conjunturais, a falta de uma política eficaz voltada à ampliação da competitividade e ao adensamento produtivo.

Nesse sentido, além das questões relacionadas ao financiamento, carga tributária, taxa de câmbio, parece essencial a reflexão e ações voltadas à formação de regiões e setores produtivos de excelência, com metas de longo prazo.

Produção física industrial 2011 = 100



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal /IBGE

Sondagem Industrial – Região do Grande ABC

No Grande ABC, as empresas que participaram da pesquisa estão concentradas nos segmentos veículos automotores, metalurgia, produtos de metal e borracha. A maioria dessas empresas são de grande e médio porte.

No segundo trimestre do ano o volume de produção apresentou retração nos meses de abril e maio, com recuperação em junho. Essa trajetória contraria a expectativa de retomada da atividade produtiva, tendo em vista a questão da sazonalidade, na qual o segundo e o terceiro

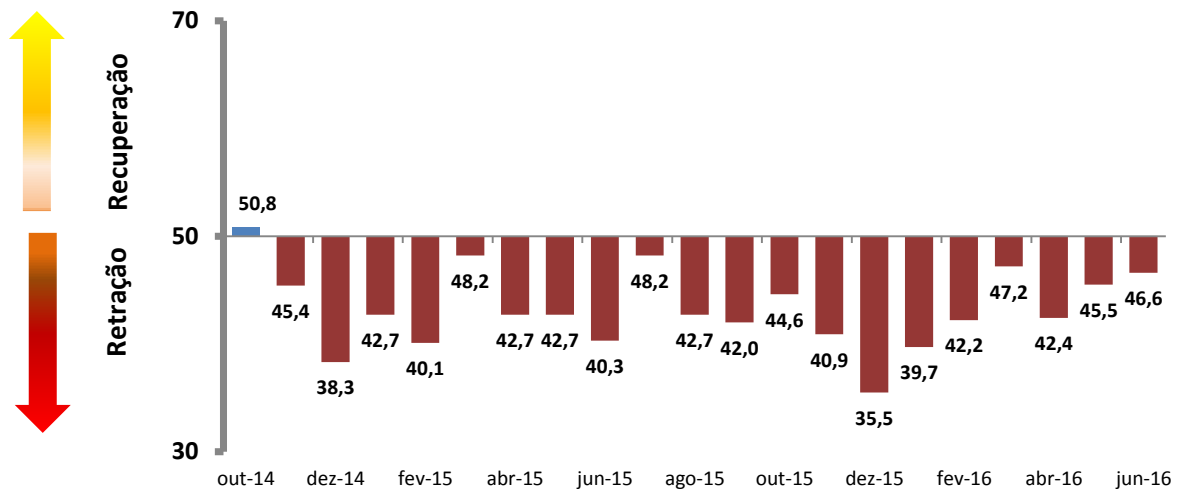
trimestres do ano são períodos de aquecimento da atividade econômica.

Comportamento semelhante também foi observado no índice de evolução da produção junto às indústrias pesquisadas no Brasil, assim como no estado de São Paulo. Comparativamente ao ano

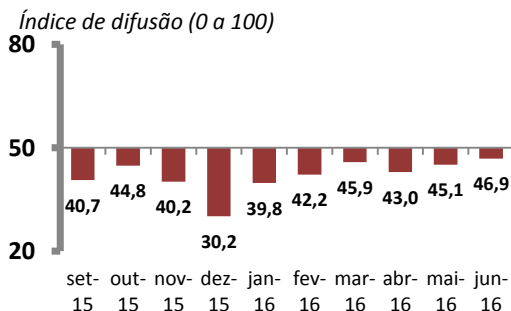
anterior, o desempenho da produção revela-se relativamente estável em nível nacional.

De forma geral, como pode ser visualizado nos gráficos a seguir, os empresários do setor industrial têm se mostrado pessimistas com relação à evolução da produção.

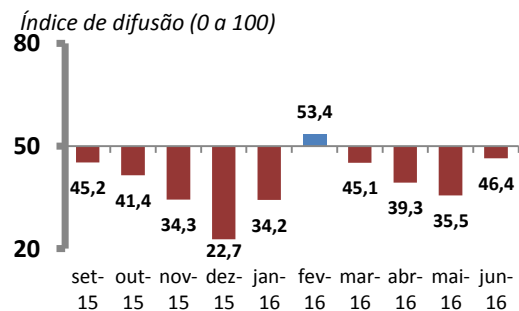
Índice de difusão (0 a 100) **Evolução da produção - Brasil**



SÃO PAULO



GABC

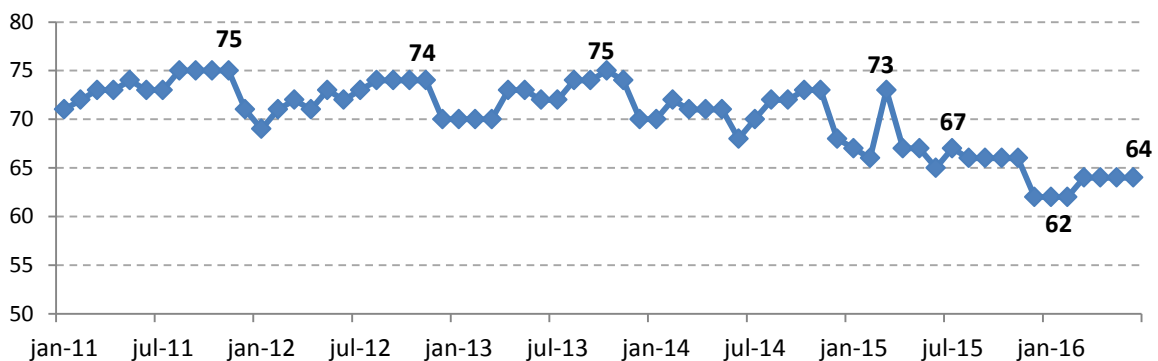


Este é o sexto ano seguido em que o grau de utilização da capacidade instalada na indústria diminuiu no primeiro semestre. Tendo em vista o desempenho negativo da produção, a utilização da capacidade instalada mostrou-se estável no último trimestre, em torno de 64%.

Ao compararmos com o primeiro semestre de 2014, a utilização da capacidade instalada diminuiu mais de 7 pontos percentuais.

Tendo em vista o baixo grau de utilização da capacidade instalada, essa se refletirá negativamente no fluxo de investimentos do setor.

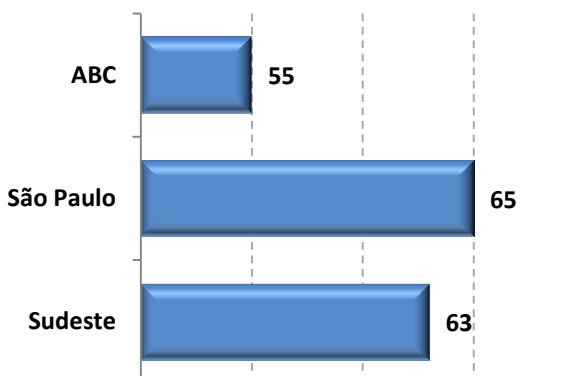
Utilização de capacidade instalada Brasil (em %)



Nas regiões Sudestes e no estado de São Paulo, o grau de utilização da capacidade instalada se mostra próximo àquele apresentado no plano nacional.

Na região do GABC, o uso da capacidade instalada apresentou leve queda no mês de junho, situando-se em 55%, dois pontos percentuais abaixo dos meses anteriores.

Utilização da Capacidade Instalada - junho/2016 (em %)



Diante do ambiente de baixa na produção no setor, a manutenção de uma elevada capacidade ociosa impõe desafios para a gestão de custos, tendo em vista que parte do capital investido pela empresa está operando abaixo do seu potencial, ao mesmo tempo em que gera custos para sua manutenção.

Nesse cenário, o índice referente à evolução do número de empregados na indústria levantado pela Sondagem Industrial mostra-se mais pessimista na região do GABC, comparativamente ao estado de São Paulo e ao Brasil.

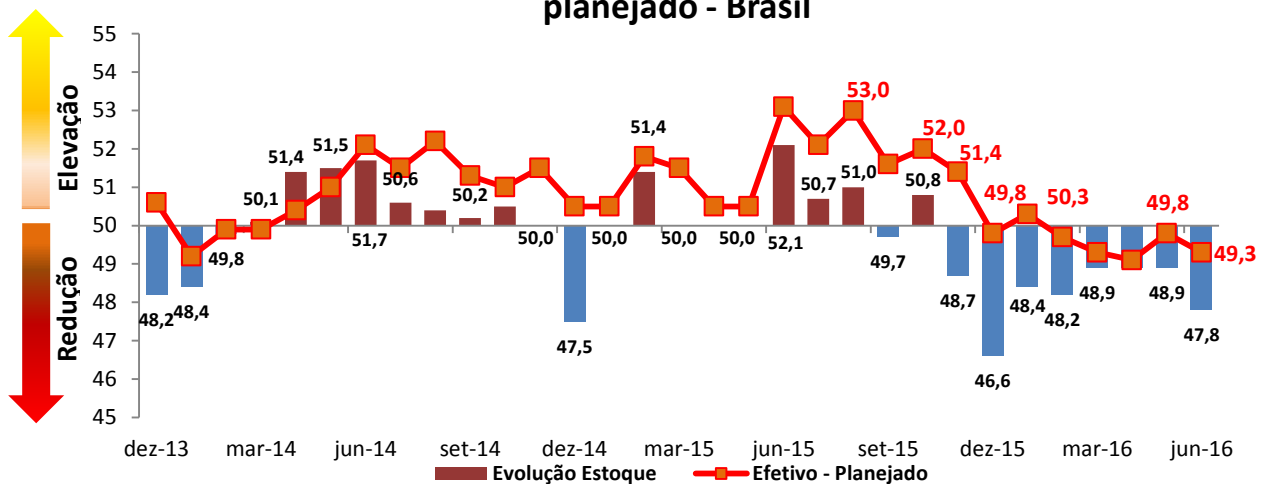
Comparativamente ao 1º semestre do ano passado, neste ano o ajuste realizado pelo setor industrial tem levado à redução dos estoques, tanto efetivos como em relação ao estoque planejado.

Se de um lado a redução dos estoques possibilita a geração de caixa para empresa, do outro reflete baixa expectativa com relação à melhoria das vendas em curto prazo.

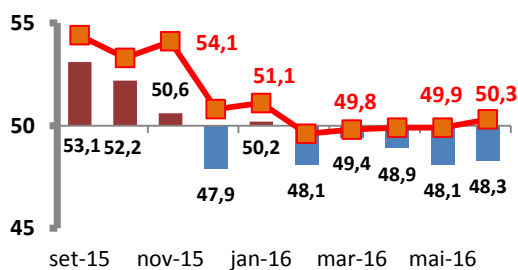
No Grande ABC esse movimento se mostrou bastante intenso entre abril e junho.

A redução dos estoques não demonstra neste momento um sinal de aquecimento nas vendas, mas sim um redimensionamento da atividade produtiva, tendo em vista a retração econômica, as expectativas e as incertezas em relação à trajetória da economia e da atividade produtiva.

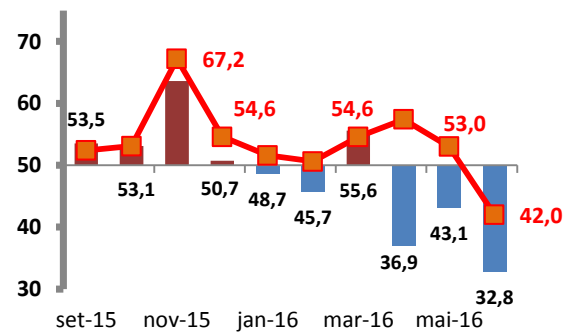
Evolução dos estoques efetivos e sua comparação com o planejado - Brasil



SÃO PAULO



GABC



Pelo décimo sétimo mês consecutivo a sondagem industrial registra queda na intenção de investimentos para os próximos seis meses no Brasil. Comportamento provocado pela queda da atividade produtiva, aumento da capacidade ociosa e incerteza com relação a trajetória da economia a médio e longo prazo.

Ao longo deste período os industriais da região Sudeste e do estado de São Paulo tem apresentado desempenho semelhante ao observado no plano nacional.

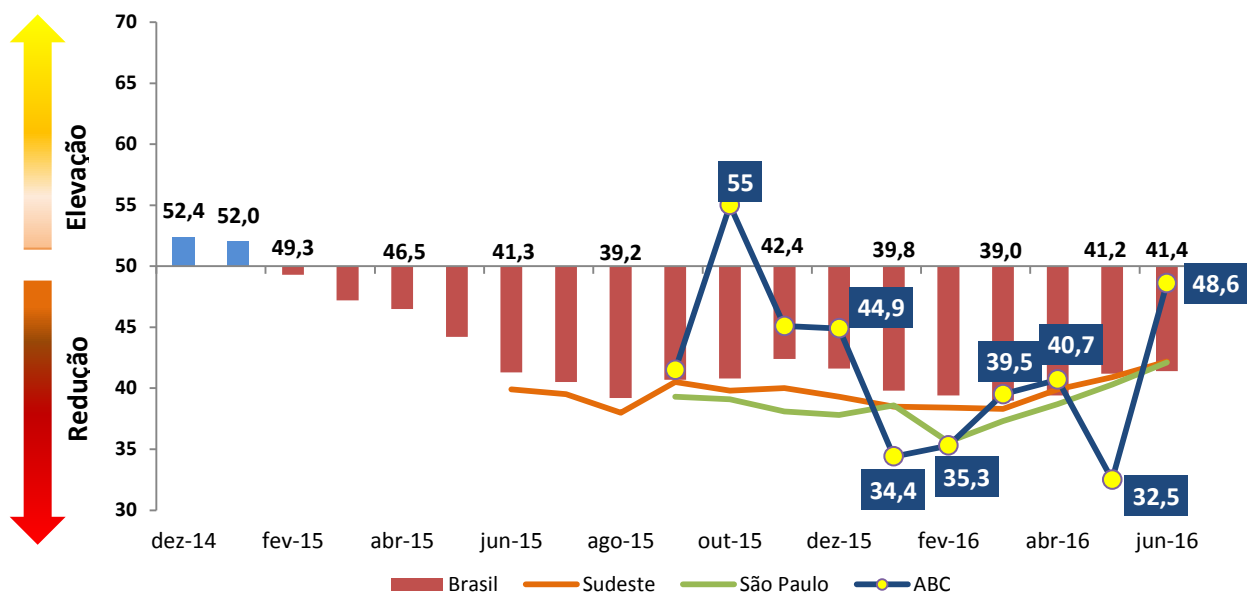
Junto a queda dos investimentos públicos, tendo em vista os problemas orçamentários enfrentados em todas as esferas de governo, esse comportamento da indústria tem contribuído para a redução do nível de investimento na economia brasileira nos últimos anos. No quarto trimestre de 2015 o nível de investimento ficou em cerca de 17%

do PIB, bastante inferior a meta de 25% do PIB anunciada quando do lançamento do PAC.

Na região do Grande ABC, apesar da melhoria do indicador referente ao mês de julho, o empresário industrial tem apresentado tendência à redução na intenção de investimentos, em alguns momentos de forma mais intensa que no âmbito estadual e nacional.

A retomada do fluxo de investimento no setor está intimamente ligada à retomada da atividade produtiva e à melhoria do horizonte de médio prazo. Neste sentido, parece que a definição do quadro político, bem como da trajetória da política econômica, tem um papel chave. De forma mais específica, mas não desassociada, a adoção de políticas industriais que deem suporte ao desenvolvimento do setor é essencial.

Intenção de Investimento pela Indústria



Um dado positivo apurado nos últimos meses pela sondagem industrial, em especial no segundo trimestre do ano, tem sido a melhoria das expectativas dos empresários do setor para os próximos seis meses. Tanto a nível nacional como regional, os empresários tem se mostrado mais otimistas com relação à evolução da demanda, e conseqüentemente com a necessidade de compra de matérias-primas.

Com relação à contratação de funcionários, as expectativas têm se mostrado menos otimistas, embora também tenham melhorado nos últimos meses. Isso porque, a ampliação do volume de contratações só ocorre após a retomada da

atividade produtiva e a demonstração de maior confiança por parte dos empresários.

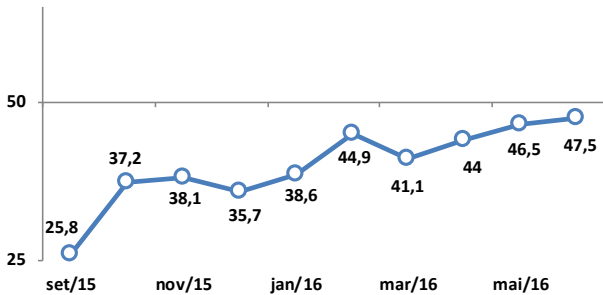
Ainda que avaliadas de forma mais otimista pelos empresários, as expectativas com relação à evolução das exportações se mostraram estáveis.

Ao avaliar o comportamento dos empresários do GABC, os resultados mostraram-se semelhantes aos observados nos cenários estadual ou nacional.

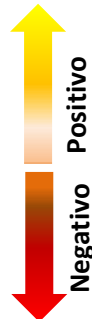
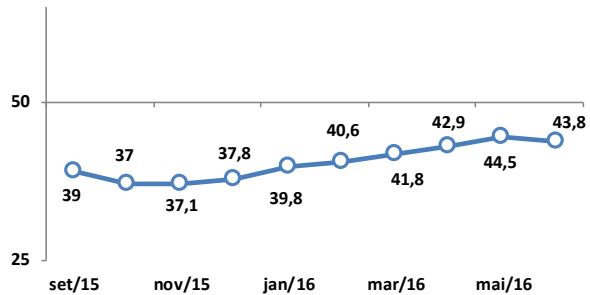
As perspectivas para a evolução da demanda, do número de empregos e o volume de compras de matéria-prima na indústria do GABC, apontaram menor pessimismo dos empresários no segundo trimestre do ano.

Região do GABC Perspectivas do Setor Industrial

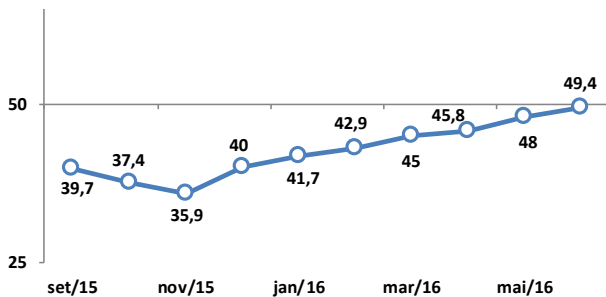
Evolução de Demanda



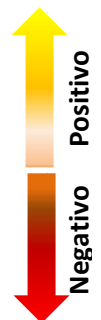
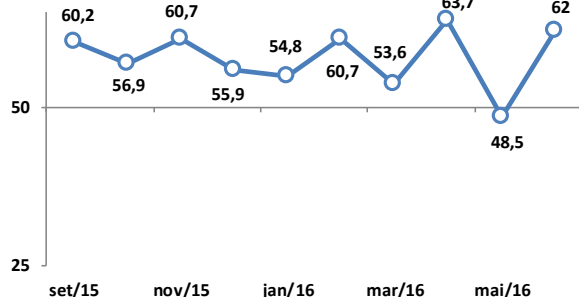
Evolução do número de empregados



Evolução das compras de matéria prima



Evolução da quantidade exportada



De toda forma, as expectativas com relação ao mercado externo, via melhoria das exportações se mostraram maiores, em média, que as expectativas com relação à melhora da demanda interna por parte dos empresários industriais.

Com relação à condição financeira das empresas do setor, a sondagem industrial aponta a permanência das condições desfavoráveis no que tange à margem de lucro, à situação financeira e ao acesso ao crédito.

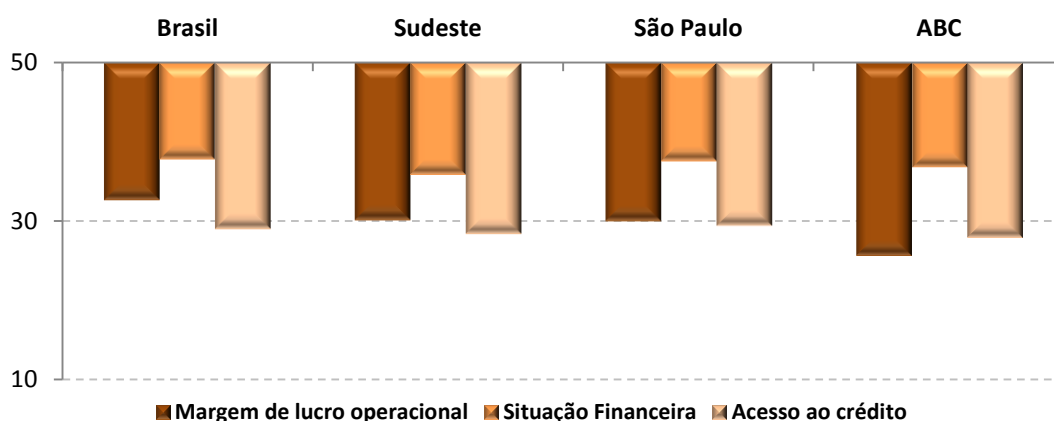
Comparativamente ao primeiro trimestre do ano do ano, o mês de junho apresentou melhoras na avaliação dos gestores das empresas com relação à

margem de lucro e à condições financeira da empresa, tanto a nível nacional quanto estadual.

Diferentemente, na mesma comparação os empresários do ABC declararam que a margem de lucro, a condição financeira e o acesso ao crédito pioraram. Em especial no que se refere aos dois primeiros.

Especificamente o acesso ao crédito, tendo em vista a contração da política monetária, com redução da disponibilidade de crédito, inclusive do BNDES, e aumento da taxa de juros, foi afetado de forma direta pela austeridade da atual política monetária.

Condição Financeira das Empresas - junho 2016



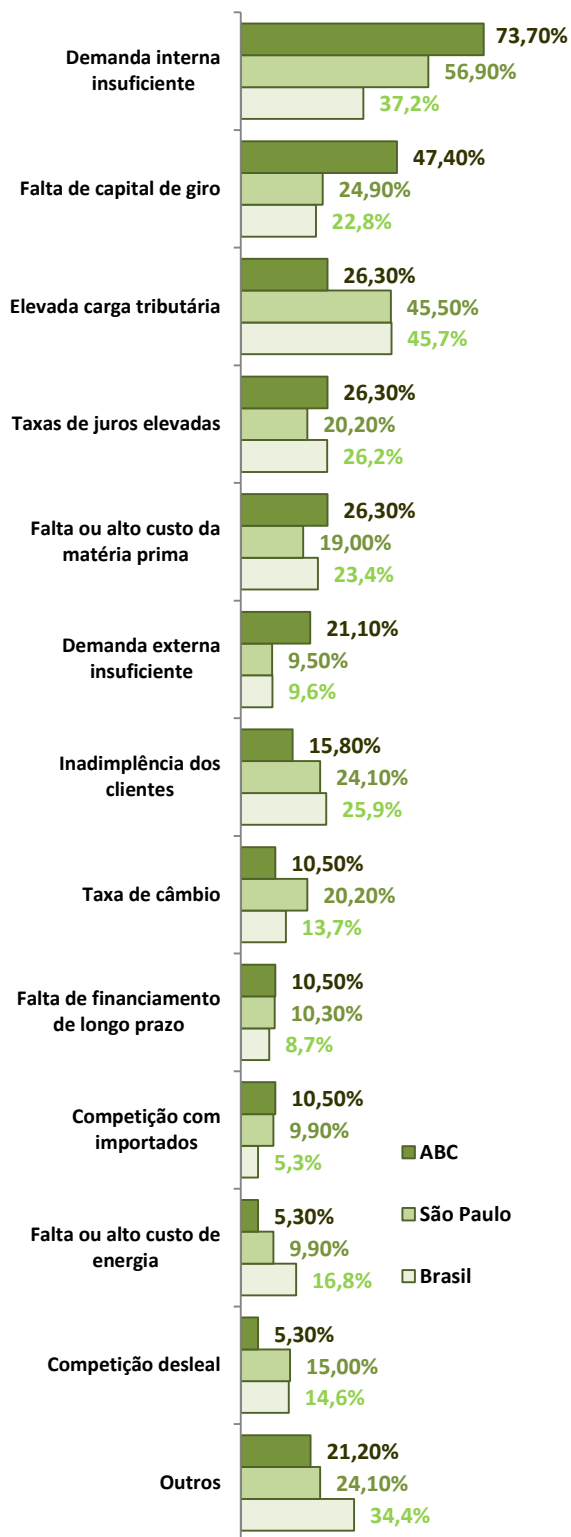
A avaliação das condições financeiras das indústrias da região do GABC pelos seus gestores, neste primeiro semestre de 2016, mostrou-se menos favorável, comparado aos resultados obtidos em nível nacional e estadual.

Em grande parte, este se deve ao adensamento industrial ainda presente no Grande ABC e à forte conexão existente entre as mesmas, comparativamente à média nacional e estadual.

As perspectivas de melhora da condição financeira das empresas estão atreladas a melhora

da atividade econômica com reflexos positivos sobre a produção e vendas. Como citado no Boletim IndustriABC anterior, um dos desafios a ser enfrentado pelos próximos governos é a consolidação das bases macroeconômicas que estimulem a retomada da atividade econômica do país.

Principais problemas enfrentados pelas empresas - julho 2016



Os principais problemas apontados pelas empresas da região do GABC que afetaram suas operações no primeiro semestre de 2016 foram a falta de demanda interna e a falta de capital de giro, seguidos da elevada carga tributária, elevada taxa de juros e da falta ou alto custo da matéria-prima.

Em nível nacional e estadual, os principais problemas apontados foram a falta de demanda interna e a elevada carga tributária.

A falta de demanda interna tem afetado o setor industrial neste cenário de retração da atividade produtiva interna, puxado pela queda nos investimentos, bem como pelo fluxo de consumo do governo e das famílias.

Comparativamente ao trimestre anterior, houve ampliação da citação da falta de demanda externa. Mesmo com a desvalorização do real frente ao dólar nos últimos 12 meses, as flutuações apresentadas nos últimos períodos afetam negativamente as decisões dos agentes econômicos e inibem as operações externas.

No atual momento de retração do faturamento do setor, outro fator que vem afetando negativamente o resultado financeiro é a elevação dos preços aos produtores. O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA/FGV) acumulada em 12 meses registrou 14,54% de inflação em junho, bastante acima da inflação ao consumidor registrada pelo IPCA, que acumulou 8,84% na mesma comparação.

Questões como inadimplência dos clientes, falta de financiamento de longo prazo, também são apontados como alguns dos gargalos presentes no setor industrial, conforme avaliação dos próprios gestores das empresas.

Indicadores de Confiança da Indústria

Assim como nos períodos anteriores, os gestores da região do Grande ABC apresenta um Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) menor que o declarado em nível estadual e nacional.

No primeiro semestre deste ano o ICEI geral apresentou sensível melhora no Brasil, bem como no estado de São Paulo. Os fatores que mais influenciaram esta trajetória foram as melhorias na expectativa para os próximos seis meses.

Ainda que de forma menos expressiva, também houve melhora com relação à avaliação das condições atuais da economia e da empresa.

Essa alteração, ocorrida principalmente no último trimestre, foi influenciada nitidamente pelas mudanças no cenário político brasileiro, e suas repercussões sobre a política econômica e sobre as expectativas em torno das mesmas.

Indicador de Confiança da Indústria – abr./2016

	Brasil	Sudeste	São Paulo	GABC
ICEI	47,3	45,0	45,9	39,3
Indicador de Condições	37,4	35,5	38,0	24,6
Indicador de Expectativas	52,3	49,8	49,9	47,9
Condições da Economia	33,5	31,9	34,9	18,6
Condições da Empresa	39,5	37,5	39,7	27,6
Expectativas da Economia Brasileira	47,3	44,8	46,4	39,6
Expectativas da Empresa	54,8	52,2	51,5	52,1

No Grande ABC, os empresários também apresentaram uma pequena melhora no índice de confiança no último trimestre, puxado pela melhora nas expectativas para os próximos seis meses. Entretanto, a confiança nas condições atuais praticamente não se alterou.

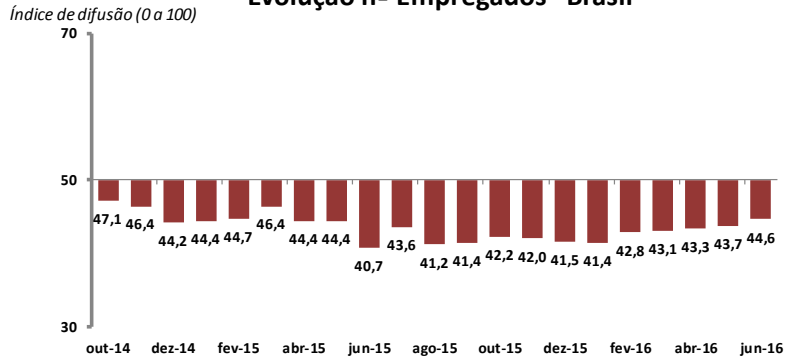
No segundo semestre do ano, a definição do quadro político brasileiro tenderá a reduzir as incertezas que afetam a avaliação dos gestores industriais, em especial, quanto à determinação do perfil da política econômica.

Neste quesito, uma das questões fundamentais refere-se às medidas que serão adotadas para o reestabelecer o equilíbrio fiscal. Tanto para melhora da capacidade de execução de política pública, quanto para melhora da capacidade de realização de investimento público, que gera efeitos positivos ao investimento privado.

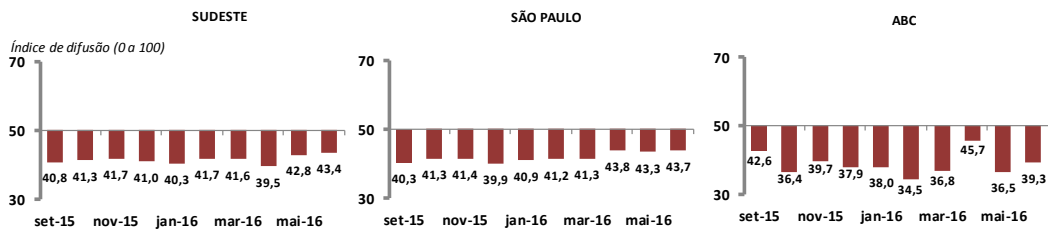
A retomada da trajetória de crescimento passa pela recuperação da atividade industrial, dada a capacidade de geração de valor adicionado pelo setor e seu efeito multiplicador, ao movimentar uma extensa cadeia de produção.

ANEXO

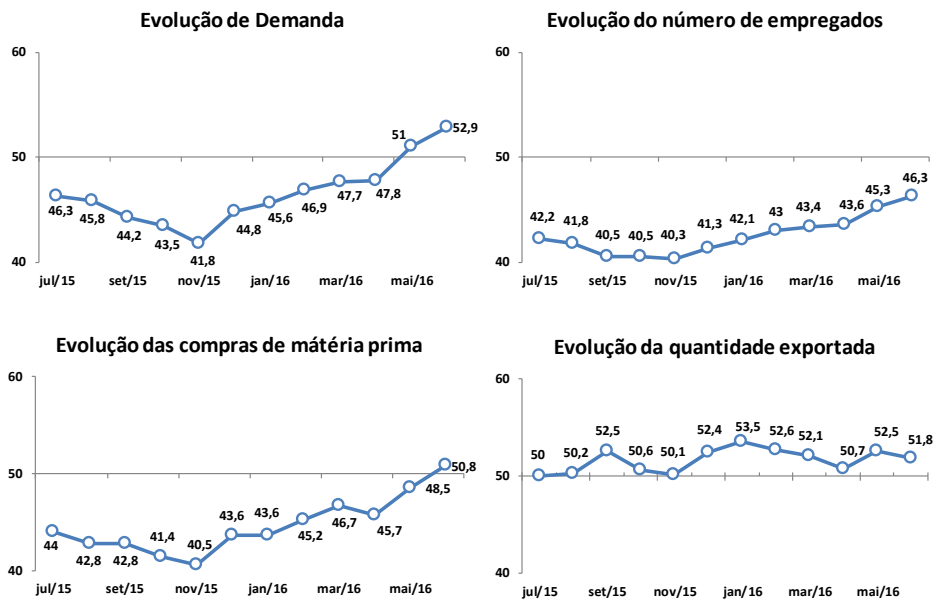
Evolução nº Empregados - Brasil



Evolução nº Empregados



BRASIL
Perspectivas do Setor Industrial



Universidade Metodista de São Paulo

Escola de Gestão e Direito

Curso de Ciências Econômicas

Observatório Econômico

Reitor

Dr. Fabio Botelho Josgrilberg

Diretor da Escola de Gestão e Direito

Dr. Fúlvio Cristofoli

Coord. do Curso de Ciências Econômicas

Ma. Silvia Cristina da Silva Okabayashi

Coordenador de Estudos

Me. Sandro Renato Maskio

Professor Pesquisador

Me. Moisés Pais dos Santos

Funcionária

Bruna Romualdo Teixeira

[URL: http://www.metodista.br/observatorio-economico](http://www.metodista.br/observatorio-economico)



A serviço do desenvolvimento do Grande ABC.

Patrocine esta iniciativa!

E-mail: observatorio.economico@metodista.br

Tel: 4366-503